EM NOME
DOS ARTISTAS
EDUCATIVO!
BELO!
DISCURSO!
CÓPIA!
APROPRIA
MAPEAMENTO!
PLASTICIDADE!
ARTE CONCEITUAL!
MINIMALISMO! PERFORMANCE!
PERSPECTIVA! ARTIFICIALIDADE!
GESTO! DISCURSO! PÚBLICO!
ICONOGRAFIA! ARTIFICIALIDADE!
POÉTICA!
SIMULACRO! PLASTICIDADE!
ABSTRAÇÃO! PERFORMANCE!
INSTALAÇÃO! REPERTÓRIO!
NEGOCIAÇÃO! ARTE CONCEITUAL!
LITOGRAFIA!
IMPERMANÊNCIA!
PERFORMANCE!
ARTIFICIALIDADE!
CONSTRUTIVISMO! NEGOCIAÇÃO! ARQUÉTIPO! APROPRIAÇÃO!
REPRESENTAÇÃO! SURREALISMO!
GRAFIA! GESTO! BARROCO! PLÁSTICO! DISCURSO! NEGOCIAÇÃO!
MATÉRIA! AUTOR! PÚBLICO! EFÊMERO! APROPRIAÇÃO!
INSTITUCIONALIZAÇÃO! ARTE POP!
GESTO! PERSPECTIVA! SÉRIE! ARTE RELACIONAL! REPERTÓRIO! MANIPULAÇÃO!
MATÉRIA! CUBO BRANCO!
PLASTICIDADE! MINIMALISMO!
MODERNISMO! SURREALISMO!
ARQUÉTIPO!
PÓS-MODERNISMO! PERSPECTIVA! AUTOR! NOIR!
NEGOCIAÇÃO! REPERTÓRIO! ESPECTADOR! REPRODUÇÃO!
CONSTRUTIVISMO! ARQUÉTIPO! SIMULACRO
ESTÉTICA! PLÁSTICO! COLAGEM! CUBO BRAN
MANIPULAÇÃO! NEGOCIAÇÃO! ACTION PAINTI
RETÍCULAS!
NOIR! PÓS-M
RETÍCULAS!
POÉTICA! COLAGEM
PERFORMANCE!
GESTO! COMISSIONAR!
ICONOGRAFIA! ESTÊNCIL! MÍDIA! CONSTRUTIVISMO!
PERFORMANCE!
GESTO!
MATÉRIA! SURREALISMO! COMISSIONAR! PLÁS
ICONOGRAFIA! BAR
COLAGEM! GESTO!

EDUCATIVO — FUNDAÇÃO BIENAL DE SÃO PAULO
EM NOME DOS ARTISTAS
COLEÇÃO ASTRUP FEARNLEY MUSEUM OF MODERN ART

Este é o material educativo da mostra *Em nome dos artistas – Arte contemporânea norte-americana na Coleção Astrup Fearnley*, que acontece no segundo semestre de 2011, em comemoração aos 60 anos da Bienal de São Paulo. Nele, você e seus alunos são os cartógrafos que inventam mapas e percursos a partir das relações que investigam, criam ou descobrem.

O material é dirigido aos professores de escolas das redes pública e privada, educadores de ONGs e líderes comunitários para ser trabalhado com adultos, jovens e crianças a partir de seis anos.

No caso das crianças entre seis e catorze anos, o adulto que coordenar o trabalho com este material poderá estudá-lo previamente e apresentar seus conteúdos com leitura compartilhada. Isso facilitará a aproximação entre a linguagem do material e a do grupo orientado.

Este material permite propor uma diversidade de ações, tais como conhecer mais sobre os artistas nas fichas, ler imagens, criar mapas conceituais que sejam como uma fotografia das conexões e ideias que você e seus alunos possam inventar. Cartografe a mostra *Em nome dos artistas* e invente novos caminhos para pensar a arte!

O material é composto por:

este livreto e textos de apresentação sobre a mostra, os principais conceitos da exposição, as linhas de trabalho do setor educativo e glossário — onde você encontra todas as palavras que aparecem em negrito nas fichas.

40 fichas dos artistas que apresentam textos e imagens sobre dezesseis artistas participantes da exposição, enfocando suas trajetórias e questões poéticas sobre suas obras. Foram elaboradas pistas para ações educativas que complementam o material e funcionam como sugestões para que possa criar propostas para seu grupo de trabalho. Cada ficha traz a imagem de uma obra e oferece diferentes possibilidades de aproximações. Pode-se criar questionamentos, desde primeiras impressões até observações mais atentas e reflexivas. As fichas também podem ser utilizadas para leitura compartilhada.

5 fichas de perguntas, com textos sobre os eixos conceituais, cinco pontuações localizadoras criadas pelo Educativo em sintonia com a curadoria geral da mostra que sugerem modos de olhar para as obras e conceitos: O que faz a arte ser arte? Como você vê o que você vê? Que caminhos os espaços inventam? Como está o corpo? Há certezas que podem ser derrubadas?

40 conectores (frases e cores) para fazer ligações entre conceitos e fichas do mapa. São 30 frases conectoras que podem aparecer repetidas, criando sentidos para as relações construídas entre as peças. Possuem, no verso, apenas cores para que sejam criadas outras possíveis ligações.

Tags são 40 palavras, conceitos e conteúdos que se relacionam à plataforma poética da exposição e que também podem ser usadas para criar conexões e ampliar a discussão sobre a arte contemporânea e a atualidade.

EM NOME DOS ARTISTAS: ARTE CONTEMPORÂNEA NORTE-AMERICANA NA COLEÇÃO ASTRUP FEARNLEY

Gunnar B. Kvaran – *Diretor, Museu de Arte Moderna Astrup Fearnley*

O Museu de Arte Moderna Astrup Fearnley é uma instituição privada em Oslo, Noruega, que coleciona e exibe arte contemporânea internacional. Embora tenha sido aberto apenas em 1993, a história de sua coleção data dos anos 1960.

A Coleção Astrup Fearnley sempre se concentrou em artistas e trabalhos individuais e não em movimentos ou períodos históricos – um enfoque diversificado na aquisição de grandes obras de arte contemporânea que desafiam os limites dos cânones artísticos. Esta coleção excepcional não tem a intenção de apresentar um panorama enciclopédico da arte contemporânea internacional. Ao contrário, é um agrupamento de obras de artistas que ocupam uma posição fundamental, seja por terem criado linguagens visuais, objetos e imagens de grande originalidade e qualidade, ou por terem reinventado aspectos significativos da produção cultural. Na última década, o museu se dedicou intensamente a artistas americanos contemporâneos – Jeff Koons, Richard Prince, Cindy Sherman, Matthew Barney e artistas mais jovens como Paul Chan, Frank Benson, Nate Lowman e Dan Colen, entre outros. Recentemente, a atenção se voltou para os trabalhos de artistas contemporâneos japoneses, chineses e indianos e, no momento, estamos realizando uma pesquisa importante sobre a arte europeia e brasileira. O objetivo do museu é colecionar e apresentar estes grandes trabalhos de artistas contemporâneos internacionais de forma profunda e esclarecedora, mas também em diálogo com cenário da arte norueguesa, propiciando uma presença real tanto na cidade de Oslo como no mundo da arte.

Nos últimos anos, com o aparecimento de ambiciosas fundações e museus privados, vivenciamos uma mudança importante na comunidade artística, especialmente na Europa, com destaque para instituições na Grécia, Itália, França, Alemanha e Noruega. Todos estes museus privados estão colecionando e divulgando a arte contemporânea internacional em países com longa tradição de política cultural estatal. A maior parte dos museus nacionais tem a clara missão de colecionar e divulgar sua própria história da arte em diálogo com o mundo da arte internacional. Enquanto estes se vinculam a uma política cultural definida, e até mesmo a um certo tipo de ideologia, os museus privados têm a liberdade de criar suas opiniões e políticas próprias. O surgimento destas instituições privadas na paisagem cultural afetou os valores consensuais orientadores do universo artístico e vem mudando o papel e a natureza dos museus de arte contemporânea. Museus privados, incluindo o Astrup Fearnley, contribuem com a polifonia dos artistas, galerias, críticos, universidades e museus estatais que escrevem a história da arte.

Em uma sociedade baseada em valores social-democráticos, a escolha do Museu Astrup Fearnley de se concentrar intensamente na aquisição de arte contemporânea americana é inusitada. Em sua maior parte, museus escandinavos têm mais afinidade com artistas europeus, ao mesmo tem-

po em que o alto custo da arte contemporânea americana fez com que fosse mais difícil adquirir trabalhos significativos. Justifica-se, assim, o papel de museus privados como o Astrup Fearnley, que podem escolher independentemente seus temas, concentrar todos seus recursos em tal área durante um certo período, desenvolvendo sua pesquisa em qualquer região cultural.

Esta pesquisa, então, se cristaliza na forma de exposições e catálogos. Organizamos de três a quatro mostras por ano e temos uma programação pública e editorial de dimensões ambiciosas, que facilita parcerias com os principais especialistas, críticos e curadores da atualidade. O Museu emprega educadores especialmente preparados para trabalhar em espaços expositivos, que informam o público sobre o Museu, sua coleção, as exposições, artistas e obras. Também oferece visitas orientadas para escolas e público em geral, coordena clubes de arte para crianças e adolescentes, e utiliza sofisticadamente a tecnologia de telefonia celular para possibilitar e disseminar a interação com a coleção. Para saber mais, visite: www.afmuseet.no.

O Museu de Arte Moderna Astrup Fearnley tem uma longa tradição de colaboração com outras instituições internacionais, organizando exposições que viajam a diferentes partes do mundo e emprestando obras de sua coleção aos principais museus e espaços expositivos internacionais. Por isso, foi um grande prazer e honra quando Heitor Martins, presidente da Bienal de São Paulo, lançou a ambiciosa ideia de organizar uma exposição da coleção do Museu, com sua curadoria, para São Paulo.

É um privilégio ter esta oportunidade de apresentar uma seleção de trabalhos da Coleção Astrup Fearnley na Bienal de São Paulo. Em nome do Museu, gostaria primeiro de agradecer a Heitor Martins por esta colaboração extremamente interessante e inspiradora. Também nos sentimos imensamente afortunados tendo a assistência de Emilo Kalil na preparação e organização da exposição que, junto a Dora Silveira Corrêa, coordenadora de Projetos e Produção, e sua equipe, se mostraram extremamente profissionais, competentes e interessados. Além disso, gostaria de agradecer a André Stolarski, coordenador da Área de Comunicação, e sua equipe, por sua paixão e criatividade em várias etapas da preparação da exposição, incluindo o trabalho editorial, design gráfico, comunicação, internet e novas tecnologias. Também sou muito grato a Stela Barbieri, curadora educacional, e sua equipe, por sua generosidade e envolvimento visionário no desenvolvimento dos programas e materiais educacionais, sempre em um diálogo próximo com a natureza e conteúdo da exposição. Sinto-me também em dívida com os autores dos textos por suas interpretações brilhantes do assunto e seus textos profundos e inventivos. Não poderia deixar de agradecer especialmente a todos os artistas que aqui honramos, *em nome dos artistas*.

REDES EM EXPANSÃO

Heitor Martins – *Presidente da Fundação Bienal de São Paulo*

A comemoração dos 60 anos da Bienal de São Paulo, em 2011, é um marco na história do desenvolvimento da arte brasileira. Seu impacto, porém, transcende em muito o plano estritamente cultural. Atuando como instrumento de educação e inserção social, a Bienal de São Paulo tem como missão promover o contato do público com o que há de mais expressivo da produção artística atual e oferecer os subsídios estéticos essenciais para o crescimento humano e o desenvolvimento de uma nação.

Ciente da importância da arte na formação dos cidadãos, a Bienal, mais um vez, reafirma sua vocação educativa e, partindo do extraordinário trabalho desenvolvido pelo Projeto Educativo da 29ª Bienal, estabeleceu um Educativo permanente. A intenção dessa iniciativa é poder seguir oferecendo a todos, agora de maneira sistemática, as possibilidades de transformação que o acesso à arte permite. O nosso compromisso é propor diálogos e reflexões sobre a arte contemporânea e sobre as experiências de cada um, sejam individuais ou coletivas. Para estender e aprofundar os encontros com diferentes públicos e dar lugar à pluralidade de pontos de vista, a escuta e o discurso em constante transformação são fundamentais.

A organização da mostra Em nome dos artistas – Arte contemporânea norte-americana na coleção Astrup Fearnley, em um ano em que não se realiza a Bienal de São Paulo, representa outro grande passo em direção à aproximação do público com a expressão e a sensibilidade do nosso tempo. Formada por obras da coleção do renomado Astrup Fearnley Museum of Modern Art, de Oslo, Noruega, a exposição oferece ao espectador uma visão selecionada da arte contemporânea norte-americana dos últimos trinta anos, incluindo grandes conjuntos de trabalhos inéditos no Brasil.

Para levar esse conteúdo de maneira dinâmica e atraente ao público, a Bienal preparou esta publicação especialmente para professores, educadores, líderes comunitários ou profissionais dedicados à formação dos nossos jovens. É uma honra poder trocar experiências e trabalhar em rede com vocês. Temos certeza da extrema importância da sua atuação para o desenvolvimento do nosso país.

MAPEANDO PENSAMENTOS

Stela Barbieri

Ideias, intuição, imagens, mobilização interna, novas significações. A arte é possibilidade de estabelecer relações – troca de percepções e reflexões, compartilhadas no tempo/espaço da experiência. Implica a construção individual e coletiva de sentidos.

Acreditar na voz do impossível, no território da liberdade, na criação, na voz que fala e nem sempre ouvimos, permite ampliar o campo da experiência. A voz da nossa intuição tem o poder de revitalizar qualquer área da nossa vida. Uma ideia pode vir dessa região do impossível. Dar voz à intuição amplia nossa perspectiva de vitalidade.

Para aproximar as pessoas dessas experiências, criamos possibilidades de encontros por meio de publicações, cursos, presenciais e a distância, palestras, oficinas e visitas orientadas.

Este material que você tem em mãos é mais um convite para perceber e pensar a arte, fazer perguntas. É um novo caminho para estudar e investigar a arte contemporânea e foi especialmente pensado para você e para seus alunos.

Ao longo da 29ª Bienal aprendemos muito com cada uma das pessoas que utilizou o material educativo oferecido. Avaliamos as observações e sugestões recebidas e criamos este novo material, que se aproxima ainda mais das realidades das salas de aulas e das comunidades: aqui você encontrará fichas maiores e mais peças para criar seu mapa conceitual, além de propostas que permitam estabelecer uma variedade de conexões entre conceitos, linguagens e obras dos artistas.

Mapas são instrumentos de localização que orientam nossos deslocamentos e nossa relação com os lugares, que permitem desbravar territórios desconhecidos e viver novas aventuras. As pessoas consultam e inventam mapas para contar histórias, orientar-se no espaço, organizar pensamentos e descobrir caminhos. Ao realizarmos uma trajetória pelos caminhos da arte, podemos nos surpreender com encontros, o que, fatalmente, nos colocará frente a desafios. Em alguns momentos, os enfrentaremos, em outros, silenciaremos e, em tantos mais, pensaremos em desvios ou percursos alternativos.

Este material foi elaborado com a intenção de ajudá-lo a explorar novas trajetórias no diálogo com a arte contemporânea.

Em 2011, a mostra *Em nome dos artistas – Arte contemporânea norte-*

-americana na coleção Astrup Fearnley apresentada pela Bienal de São Paulo ocupará o Pavilhão com um conjunto expressivo de obras do acervo do Astrup Fearnley Museum of Modern Art, de Oslo, na Noruega. A exposição oferece ao público brasileiro a experiência de conhecer de perto uma parte importante da produção artística norte-americana dos últimos anos e alguns de seus principais artistas contemporâneos. Nomes como Jeff Koons, Matthew Barney e Cindy Sherman estarão na mostra. Também serão expostos trabalhos do inglês Damien Hirst que dialogam com a produção desses artistas. Em nome dos artistas evidencia como a arte contemporânea apresenta questionamentos que frequentemente nos tiram do lugar e podem nos fazer repensar a vida e traçar novos trajetos.

Temos, ainda, uma boa nova para compartilhar! Implementamos o Educativo permanente na Bienal de São Paulo. A presidência e diretoria atuais, cientes da importância dos serviços educativos das bienais anteriores e de seu trabalho significativo, decidiram, depois da 29ª Bienal, consolidar um Educativo Permanente, responsável pela relação direta da Bienal com o público.

A cada nova mostra, o Educativo oferece visitas orientadas acompanhadas por jovens universitários que participam de formação continuada como educadores para acompanharem os grupos, novas propostas de ateliê, palestras e cursos de formação especialmente preparados para você por nossa equipe. Além disso, o Educativo da Bienal de São Paulo trabalha em parceria com outras instituições culturais da cidade. Você poderá recorrer ao Educativo sempre que precisar, contando com uma programação de qualidade para incluir em seu planejamento anual.

Nossa proposta de refletir e dialogar sobre a arte contemporânea, valorizando as experiências cotidianas, de encontros em que se fazem presentes a escuta atenta e a celebração da voz em movimento, tem como uma de suas principais intenções provocar a construção de sentidos. As experiências pessoais colaboram para a elaboração de significados individuais e coletivos, o que ativa, afeta e efetiva a concretização da obra, desvelando a relação dos artistas com seu entorno e seu público. Fica aqui nosso convite para que tenha sua própria experiência poética.

GLOSSÁRIO

abstração em termos gerais, abstração refere-se ao processo de isolar algo de um contexto, generalizando-o. Na arte moderna, artistas como Kandinsky, Miró, Paul Klee, os construtivistas russos, entre outros, buscaram dar autonomia às cores, formas e elementos que utilizavam em suas obras, sem a necessidade de um referencial externo ou **representação** objetiva de algo (como uma paisagem, um retrato ou figura imediatamente reconhecível), criando, assim, composições que obedeciam apenas as suas próprias relações internas; a esse conjunto de obras deu-se o nome de arte abstrata (em oposição à arte figurativa) e que veio a desdobrar-se em inúmeras manifestações artísticas, em particular na primeira metade do século 20. Surpreendentemente, **Leonardo da Vinci** já prescrevia aos jovens pintores de sua época: "Sou da opinião de que não se devia desprezar aquele olhar atento para as manchas da parede, para os carvões sobre a grelha, para as nuvens, para a correnteza da água, descobrindo assim coisas maravilhosas".

action painting termo cunhado pelo crítico norte-americano Harold Rosenberg em 1952 para descrever a pintura de Jackson Pollock e que mais tarde se estendeu a outros pintores norte-americanos, como Willem De Kooning e Franz Kline, cujas pinturas compartilhavam de suas pinceladas e **gestos** carregados de expressividade. Ao pintar, Pollock estendia a tela branca sobre o chão e respingava, distribuía ou mesmo atirava tinta sobre ela, algumas vezes diretamente da lata, ou usando pincéis, gravetos e hastes, mas sem tocar diretamente nela. O pintor gira sobre o quadro, como numa dança, subvertendo a imagem do artista contemplativo ou que realiza o trabalho de acordo com um projeto. A obra é concebida como fruto de uma relação corporal imediata do artista com a pintura: "Antes da ação", diz Pollock, "não há nada: nem sujeito, nem objeto".

Albert Einstein (1879, Ulm, Alemanha – 1955, Princeton, Estados Unidos) alemão radicado nos Estados Unidos, desenvolveu a Teoria da Relatividade e é reconhecido como um dos maiores físicos de todos os tempos.

apropriação uso, por uma pessoa ou grupo, de algo pertencente ou criado por outro(s), geralmente sem o conhecimento ou aprovação do(s) último(s). O termo é empregado pela história e pela crítica de arte para indicar a incorporação de objetos extra-artísticos, como também de outras obras, em trabalhos de arte. Acusações de roubo ou plágio têm sido comuns toda vez que uma obra apresenta, parcial ou integralmente, e declaradamente ou não, conteúdos apropriados de outra.

Andy Warhol (1928, Pittsburgh, Estados Unidos – 1987, Nova Jersey, Estados Unidos) pintor, cineasta e empresário, é considerado a figura mais expressiva da **arte pop**. Iniciou a carreira como designer gráfico e criador de imagens publicitárias, para posteriormente ingressar no meio das artes plásticas com imagens e procedimentos técnicos derivados de seu contato com a publicidade. Ao apropriar-se de imagens derivadas da indústria cultural, tais como fotos de estrelas do cinema e da **mídia**, como Marilyn Monroe, Jacqueline Kennedy, Elvis Presley, Mao Tsé-Tung e Pelé, ou imagens de objetos de consumo, como latas de sopa ou de Coca-Cola, embalagens de produtos ou notícias de jornal, e reproduzi-las por meio de técnicas como a serigrafia (**reprodução** mecânica), Warhol evidenciava os processos de saturação das imagens por sua hiperexposição através da repetição em **série** de uma mesma imagem original, alterando apenas as cores. Assim, sua obra liga-se aos processos de massificação da cultura, em que todos somos expostos continuamente aos mesmos conteúdos culturais produzidos por canais privilegiados de produção e difusão. É sua a célebre frase: "No futuro todos serão famosos durante quinze minutos". Para o crítico e filósofo Arthur C. Danto, as *Brillo Boxes* ("caixas Brillo", uma marca de sabão em pó) de Warhol representam a consumação ou o fim da arte baseada na imitação.

arquétipo modelo, protótipo ou padrão original sobre o qual outros são copiados ou reproduzidos em **simulacros** ou de forma semelhante. Arquétipos (de símbolos, de ideias, de comportamentos, de personagens) são frequentemente utilizados em mitos e lendas, entendidos como herança comum e compreensível por todas as pessoas, universalmente e em todas as épocas. Para a psicologia, um arquétipo é um modelo de pessoa, personalidade ou comportamento (também entendido como "estereótipo"); para Platão e alguns filósofos pós-platônicos, arquétipos se referem às formas ideais ou originárias do mundo sensível.

Arte/Cidade – Cidade sem janelas primeira edição do evento Arte/Cidade, idealizado por Nelson Brissac e Agnaldo Farias, que ocorreu no antigo Matadouro Municipal da Vila Mariana (atual Cinemateca de São Paulo) em 1994 com a participação de artistas contemporâneos brasileiros de diversas linguagens (artes visuais, música, cinema, dança e teatro), cujos trabalhos apresentados estivessem calcados na ideia da cidade como suporte e forjadora de sensibilidades.

arte conceitual vanguarda artística surgida na Europa e nos Estados Unidos no fim da década de 1960 e meados de 70, cujos artistas priorizam a ideia ou conceito à aparência ou execução da obra. Importava a eles antes a invenção da obra que sua **materialização**. Num momento de aproximação da arte com a filosofia, enfatizavam a arte como "coisa mental", sempre em potência, e não apenas um produto acabado a ser olhado, e o artista como pensador e não artesão; tampouco havia a exigência de que fosse o próprio artista quem construísse a obra (há obras que são instruções para o **espectador**, mais ou menos precisas, de como realizar o trabalho ou projeto). Fizeram duras críticas às instituições, o sistema de seleção de obras e o **mercado de arte**. Por isso, muitos artistas conceituais optavam pela imaterialidade do pensamento à criação de objetos artísticos, como uma pintura ou escultura, passíveis de serem comercializados ou de se tornarem proprie-

dade de alguém. Os *ready-mades* de **Marcel Duchamp**, cuja qualidade artística é conferida pelo contexto em que são expostos, seriam um antecedente importante para a reelaboração da crítica dos artistas conceituais.

arte pop em meados da década de 1950, artistas ingleses e norte-americanos passaram a incorporar as suas obras materiais, referências e técnicas da publicidade, do cinema, das histórias em quadrinhos, de imagens televisivas e de revistas populares, borrando as fronteiras entre arte erudita e arte popular, ou entre arte elevada e cultura de massa. Sem programas ou manifestos, os trabalhos de **Andy Warhol**, Roy Lichtenstein, Claes Oldenburg e Richard Hamilton se assemelham pelas temáticas abordadas, pelo desenho simplificado, pelas cores saturadas e pela atenção concedida aos objetos comuns, à vida cotidiana e, em particular, ao universo do consumo. Em carta de 1957, o artista Richard Hamilton define os princípios centrais da nova sensibilidade artística: trata-se de uma arte "popular, transitória, consumível, de baixo custo, produzida em massa, jovem, espirituosa, sexy, chamativa, glamourosa e um grande negócio". Deve-se distinguir, no entanto, o termo "arte pop" de "arte popular", ligado à produção artística de pessoas sem educação formal em artes (em geral autodidatas), vindos de regiões afastadas dos grandes centros econômico-culturais e que retratam costumes, cenas típicas e crenças da região que habitam (como os escultores de carrancas no interior brasileiro ou os pintores de festividades religiosas populares como a festa junina).

arte relacional (ver **estética relacional**)

Arthur Schopenhauer (1788, Danzig, Alemanha – 1860, Frankfurt, Alemanha) filósofo alemão cujo livro *O mundo como vontade e representação*, publicado em quatro volumes em 1819, influenciou o pensamento de autores modernos e contemporâneos, como Friedrich Nietzsche, Sigmund Freud, Henri Bergson, Franz Kafka, entre outros. É também notável por seu pessimismo extremo e pela introdução de conceitos do budismo e hinduísmo em suas obras.

artificialidade qualidade do que é artificial, por oposição ao que é da naturalidade ou natural. A ideia de artificialidade está intimamente ligada à criação ou fazer humanos e serve para qualificar objetos ou ações humanas muito diversas (como uma perna mecânica, fogos de artifício, materiais plásticos, jogos de *videogame* etc.), embora os limites entre o que se considera natural ou artificial sejam imprecisos. As palavras "arte" e "artificial" (do latim *artificium*, que quer dizer literalmente: feito com arte) compartilham da mesma origem.

assemblage termo criado pelo artista francês Jean Dubuffet em 1953 para designar suas obras que, segundo ele, "vão além das colagens" ao poderem assimilar todo e qualquer tipo de material à obra de arte. Na mesma época, artistas em várias partes do mundo, como Antoni Tàpies na Espanha e Robert Rauschenberg nos Estados Unidos, utilizavam recursos semelhantes ao agregarem objetos díspares às suas obras, numa espécie de "**estética** da acumulação", relembrando alguns procedimentos dadaístas de justaposição disparatada de elementos como nas obras *Merz* de Kurt Schwitters e nos *ready-mades* de **Marcel Duchamp**.

ativismo político atitude que privilegia a prática efetiva de transformação da realidade. O ativismo muitas vezes sintetiza uma postura crítica disposta a mudar o mundo e a lutar por direitos e deveres na sociedade, seja em questões ambientais, artísticas, sociais, políticas ou econômicas. Muitas obras, de caráter ambíguo, criaram uma indistinção entre o **gesto** artístico e o político, sem prioridade entre um ou outro (como em obras de Goya, Chico Buarque e Cildo Meireles).

autor aquele a quem se atribui uma ação. Em toda produção artística, atribui-se a um autor a criação, elaboração ou concepção de uma obra. À produção coletiva de alguma obra ou ação, diz-se coautoria. Na contemporaneidade, muitas obras reclamam do **espectador** a participação, intervenção ou alteração da proposição artística original, alçando o espectador à condição de coautor da obra.

autoria (ver **autor**)

barroco período cultural que floresceu entre o final do século 16 e meados do século 18 na Itália, difundiu-se pelos países católicos da Europa e da América, inclusive no Brasil. Em contraposição ao período renascentista, de características clássicas e idealistas, toda produção artística do período barroco (expressada na arquitetura, música, pintura, escultura, literatura, mobiliário etc.) apresenta tendência ao assimétrico, ao extravagante, ao apelo emocional, inexistente até então na arte renascentista. As obras barrocas, como as pinturas de Caravaggio, Rembrandt, **Tintoretto**, Rubens e nas esculturas de Bernini, abusam de contrastes abruptos de luz e sombra, diagonais impetuosas e temas que sugerem um certo "naturalismo" ou "veracidade" da imagem, ao retratar coisas e seres humanos tal como aparecem, com suas marcas do tempo, seus defeitos físicos, seus traços bizarros e feios, sem retoque algum. O termo "barroco" pode servir também para qualificar algo que prime pelo excesso, pela sinuosidade, pelo ruidoso, ou pela riqueza de detalhes (como nos filmes de Pedro Almodóvar ou nas apresentações da cantora Lady Gaga).

belo o conjunto de certas características que despertam sentimentos de prazer ou admiração pode ser chamado de belo. Porém, estas noções mudam de cultura para cultura, de tempos em tempos, e são perseguidas de maneiras diferentes por artistas, assim como sua percepção. Há algumas reflexões sobre o belo na tradição filosófica: como ideia objetiva, segundo Aristóteles: "As principais formas de beleza são a ordem e a simetria, e a definição clara"; e outra determinada pela experiência suscitada por coisas

belas, pois, de acordo com Kant, o belo é um caráter não determinado do juízo estético.

categoria artística agrupamento ou classe de artistas ou obras, que dividem ou não características, ideias ou procedimentos artísticos em comum. Nas artes plásticas, pode-se entender a pintura, a escultura, o desenho, a gravura, a **instalação**, a **performance**, o vídeo, entre outros, como categorias artísticas distintas. Em um sentido mais amplo, o termo serve para definir um conjunto artístico, formalizado ou não, ao qual se atribua alguma semelhança (por exemplo: a literatura barroca brasileira; os performers norte-americanos da década de 1960 etc.)

Charles Chaplin (1889, Londres, Inglaterra – 1977, Corsier-sur-Vevey, Suíça) ator, diretor, produtor, comediante, dançarino, roteirista e músico britânico. Chaplin foi um dos atores mais famosos da era do cinema mudo, notabilizado pelo uso de mímica e da comédia pastelão. Numa das cenas de *Tempos modernos* (1936), um de seus filmes mais famosos, o personagem Carlitos é engolido por uma esteira de linha de produção industrial e perde-se em meio às engrenagens da fábrica, numa sátira ainda atual sobre a mecanização humana e a alienação dos modos de divisão do trabalho na era industrial.

Charles Saatchi colecionador de arte, publicitário e galerista (fundou a Saatchi Gallery, em Londres). Tem investido e patrocinado obras de artistas contemporâneos desde o final da década de 1960. Tornou-se conhecido como principal promotor dos *Young British Artists*, nome dado a um grupo de jovens artistas britânicos evidenciados no fim da década de 1990, que inclui Damien Hirst, Tracey Emin, Rachel Whiteread e outros.

Christo e Jeanne-Claude (1935, Bulgária; 1935, França – 2009, Estados Unidos) casal de artistas que produziram juntos obras de larga escala. Seus trabalhos, comumente classificados como *land art*, têm como característica marcante utilizar quantidades gigantescas de tecido para embrulhar elementos naturais e arquitetônicos. Em um de seus projetos mais famosos, *Wrapped Coast*, de 1969, utilizaram aproximadamente cem mil metros quadrados de tecido sintético para embrulhar dois quilômetros de uma região costeira.

citação menção de uma informação ou dado, parcial ou integralmente, extraído de uma fonte publicada (livro, jornal, vídeo, imagem, site) ou não (como no caso de uma fala não registrada). As citações na produção textual são utilizadas para apoiar uma hipótese, sustentar uma ideia ou ilustrar um raciocínio. Desde o início do **modernismo**, o uso de citações ou sua **apropriação** tem sido uma prática usual entre criadores de diversas áreas, que muitas vezes utilizam-nas como parte constituinte de sua obra.

Claude Monet (1840, Paris, França – 1926, Giverny, França) pintor francês e, talvez, o mais célebre entre os pintores do grupo impressionista. Sua pintura *Impressão, nascer do sol*, do início de sua carreira, motivou o comentário desdenhoso do escritor e pintor Louis Leroy, que diria que a imagem não passava de uma "impressão" de cena marinha, inacabada e pintada sem precisão. O termo foi adotado pelo grupo para designar suas obras, que mais sugeriam do que representavam impressões visuais, através de pinceladas rápidas e com as cores justapostas sobre a própria tela, criando a impressão visual de luzes, sombras e espacialidade.

colagem a colagem como procedimento técnico tem uma história antiga, mas sua incorporação na arte do século 20, com os experimentos cubistas de **Picasso** e Braque, representa um ponto de inflexão na medida em que deixa de entender a pintura como uma "janela aberta" ou imagem por onde o olhar e a imaginação do **espectador** penetram, mas como superfície sobre a qual se depositam materiais retirados da realidade – pedaços de jornal e papéis de todo tipo, tecido, madeira, objetos e outros – para a construção da imagem. Com a colagem na pintura, o estabelecimento de fronteiras rígidas entre pintura e escultura, ou bidimensionalidade e tridimensionalidade, tornou-se impreciso ou irrelevante. Usa-se o termo colagem também para designar a justaposição ordenada de elementos de procedências variadas (como faz um DJ de música ao ordenar músicas e sons diversos, tocados em sequência ou sobrepostos em um aglomerado sonoro).

comissionar subsidiar, financiar, investir. No contexto do **mercado de arte**, significa patrocinar, investir ou fomentar a produção de um artista ou grupo de artistas. Desde o Renascimento até o início do século 20, artistas, músicos e literatos eram, em geral, comissionados por patronos ou mecenas, pessoas ricas ou influentes que financiavam suas produções artísticas, e que em alguns casos determinavam aspectos da obra, da ideia ao resultado (como nas intervenções do mecenas Lorenzo de Médici durante a realização da Capela Sistina pelo artista **Michelangelo**).

composição ato de construir um conjunto organizado de diferentes elementos. A composição pode ser o ponto de partida para a realização de uma obra, quando um artista elege regras com as quais vai trabalhar. Por outro lado, um trabalho criativo nem sempre precisa desse planejamento, podendo primeiro ser feito e depois analisado, identificando-se uma estrutura de composição. Na música, por exemplo, uma composição pode ser feita com notas tocadas em determinada sequência e ritmo por um instrumento ou mesmo com barulhos de objetos do cotidiano ou com a duração de um silêncio. Em uma pintura, a composição é a ordenação dos elementos pictóricos no espaço da tela.

Constantin Brancusi (1876, Hobita, Romênia – 1957, Paris, França) célebre escultor romeno atuante em Paris e um dos principais nomes das vanguardas modernas, Brancusi criou formas escultóricas extremamente simplifi-

cadas e elementares, muitas vezes no limite entre a figuração e a **abstração**. É considerado, ao lado de Auguste Rodin, um dos maiores precursores da escultura moderna.

construtivismo russo movimento artístico-político iniciado na Rússia revolucionária a partir de 1919, que, comprometido com os ideais revolucionários, rejeitava a ideia de uma arte autônoma em favor da arte com propostas sociais. Com uma **estética** radicalmente nova para o período, impactou praticamente todos os movimentos de vanguarda da época, na arquitetura, design industrial, produção gráfica, teatro, cinema, dança, moda e música. Teve influência determinante na concepção da Bauhaus e do De Stijl holandês. Para o construtivismo, a pintura e a escultura são pensadas como construções e não como representações, com grande ênfase para os materiais empregados e os processos de elaboração das obras.

cópia imitação exata ou aproximada, feita manualmente ou por processos de **reprodução** mecânica ou industrial, de textos, imagens, objetos, filmes, **gestos**, sequências genéticas etc. Antes do surgimento das técnicas de reprodução mecânica, a cópia ou imitação servia como sistema de aprendizado das técnicas dos mestres pelos aprendizes (como no caso dos antigos pintores que visitavam museus para copiar as obras de grandes mestres). (ver também **imitação** e **simulacro**)

cubo branco termo forjado por teóricos e artistas da década de 1970 para designar o modelo de espaço expositivo de galerias ou museus modernos. O teórico Brian O'Doherty descreve-o como sendo "quase sempre um cubo de janelas lacradas, pintado de branco, com luz vinda do teto". Essa cenografia supostamente neutra, isenta de ideologias e não contaminada pelo exterior, serviria para criar uma atmosfera asséptica, que favorecesse a atenção exclusiva do **espectador** na obra, acionando neste apenas sua visão. Segundo O'Doherty, esse modelo expositivo induziria os artistas a conceberem obras previamente pensadas para tais espaços. Artistas como os norte-americanos da *land art* foram alguns dos que questionaram e problematizaram a exposição de obras nesses espaços internos, ao conceberem obras especificamente para grandes espaços externos e realizadas com os materiais do próprio local escolhido, como desertos, montanhas e lagos.

Diego Velázquez (1599, Espanha – 1660, Espanha) foi um dos principais pintores do período **barroco**. Nomeado retratista oficial da corte do Rei Filipe IV de Espanha, Velázquez pintou importantes cenas históricas, notáveis figuras europeias e plebeus. Sua obra-prima *As meninas* (1656), na qual compõe uma **perspectiva** de extrema complexidade e inúmeros pontos de vista, é referência para inúmeros pintores, como Édouard Manet, Salvador Dalí e Francis Bacon.

discurso geralmente se refere a uma forma de comunicação, expressão ou debate, falado ou escrito, ou mesmo a uma imagem. Sua principal função é expressar ou comunicar uma mensagem, conteúdo ou ideias de um emissor a um receptor. O discurso que se faz para caracterizar ou apreender determinado objeto pode, por vezes, confundir-se ou mesmo substituir a percepção imediata que se tem desse objeto (por exemplo, na mediação de obras de arte numa exposição feita por meio do discurso), dificultando no receptor uma percepção pessoal e espontânea do que se encontra a sua frente.

Edgar Morin (1921, Paris, França) antropólogo, sociólogo e filósofo. É considerado um dos principais pensadores contemporâneos e teóricos da complexidade, **autor** de livros como *Introdução ao pensamento complexo* (1990) e *Os sete saberes necessários para a educação do futuro* (2000).

efêmero algo breve, transitório, passageiro ou que dura pouco tempo. O interesse pelo uso de materiais perecíveis, orgânicos ou que alteravam seu estado após certo tempo (como gordura, alimentos, água) por alguns artistas a partir da década de 1960 (como o alemão Joseph Beuys e os artistas italianos da arte povera) deu origem ao termo "arte efêmera".

El Lissítzki (1890, Pochinok, Rússia – 1941, Moscou, Rússia) artista, designer gráfico, fotógrafo, tipógrafo, arquiteto e professor. Participou ativamente da vanguarda russa revolucionária e seu trabalho influenciou a Bauhaus, o **construtivismo russo** e o De Stijl, em particular com a sua produção gráfica em cartazes e nas pesquisas fotográficas que realizou.

escolas/movimentos artísticos grupo de artistas que compartilham de ideias, estilos, procedimentos artísticos ou técnicas em comum, em grupos formalizados ou não. Romantismo, classicismo, expressionismo, cubismo e **surrealismo** são alguns exemplos de movimentos artísticos. O período **moderno** na arte foi prodigioso na proliferação de movimentos artísticos, cada qual com um pensamento pretensamente original e em geral conflitante com o pensamento de outros grupos, no que hoje é entendido como a "Era dos Manifestos".

espectador aquele que presencia ou assiste a um fato ou a uma ação. Em algumas produções artísticas, como o teatro, há o encontro entre o artista e o espectador. Em outras, como o cinema e a literatura, esse encontro se dá pela obra. Nas artes visuais, existem obras que caminham nas duas direções. Diante de uma obra o espectador pode assumir uma postura indiferente, interessada ou interativa.

estêncil técnica usada para aplicar imagem ou texto sobre uma superfície de papel, tecido, parede, cerâmica etc., a partir de uma matriz (denominada "máscara") cortada ou perfurada, que permita a passagem da tinta – aerosol ou não. Também chamado de "molde vazado", o estêncil é muito utilizado para a **reprodução** em **série**, seja para

estampar camisetas, criar panfletos ou cartazes, grafites, entre outros usos.

estética ramo da filosofia que estuda os fundamentos da arte, do **belo** e do gosto. Cientificamente, a estética é definida como o estudo dos valores sensoriais-emotivos que permeiam a percepção humana e que definem nossos julgamentos, gostos e sentimentos em relação ao que é percebido pelos sentidos. Assim, a estética pode ser entendida como uma reflexão crítica sobre a natureza das ideias de arte, cultura e natureza. O termo "estética", em seu uso corrente, pode se referir também a uma ampla gama de serviços que visam embelezar as pessoas. (ver também **estética relacional**)

estética relacional teoria elaborada na década de 1990 pelo crítico e curador francês Nicolas Bourriaud, a estética relacional pode ser definida como plataforma **estética** e método crítico cujo enfoque está predominantemente na preocupação com as relações humanas na arte, do artista com seu entorno e com seu **público**. Na arte relacional, as experiências e **repertórios** individuais estão a serviço da construção de significados coletivos, o que faz com que a participação do público seja fundamental na ativação ou efetivação de tais propostas.

filme noir americano na literatura e no cinema, o gênero *noir* (que significa "preto" ou "negro", em francês) caracteriza-se primariamente por tramas policiais ou investigativas, cheias de intrigas, crimes e mistério, povoadas por personagens corruptos, alienados ou de moral duvidosa, como detetives, mafiosos e mulheres fatais, e são ambientadas em regiões urbanas soturnas com muito contraste entre luzes e sombras. Os cineastas Alfred Hitchcock, Orson Welles, Roman Polanski, entre outros, produziram alguns dos filmes mais significativos do gênero.

Flávio de Carvalho (1899, Barra Mansa, Rio de Janeiro – 1973, Valinhos, São Paulo) um dos grandes nomes da geração modernista brasileira, Flávio de Carvalho participou ativamente da vontade de renovação estética operada no Brasil a partir da célebre Semana de 22. Multifacetado, atuou como arquiteto, engenheiro, cenógrafo, teatrólogo, pintor, desenhista, escritor, filósofo, performer e músico. Tinha ideias extremamente polêmicas para os costumes da época, como sua **série** de quatro *Experiências* ou na criação de uma vestimenta unissex, colorida e com as pernas à mostra, que se opunha ao uso corrente de terno e chapéu pelos brasileiros ao pretender ser mais adequada ao clima tropical.

Francis Allÿs (1959, Antuérpia, Bélgica) artista belga residente na Cidade do México, onde iniciou sua trajetória artística. Suas obras são compostas por diversas **mídias**, frequentemente envolvendo a participação e presença do próprio artista. Esses eventos performáticos são documentados em vídeo, fotos, pinturas, escritos e animações. Participou da 29ª Bienal de São Paulo com uma obra que documentava em vídeo e textos sua prática de tentar penetrar no meio de tornados nos desertos do México.

Frank Gehry (1929, Toronto, Canadá) arquiteto canadense naturalizado estadunidense. Tornou-se mundialmente conhecido pela criação do Museu Guggenheim de Bilbao, na Espanha, com suas imensas estruturas curvas metálicas revestidas de titânio que concorrem visualmente com as obras que abrigam e fazem do prédio uma atração turística da cidade. Sua arquitetura é composta por formas extremamente complexas, em geral curvas e retorcidas, e com grande variedade de texturas, materiais e cores. Ganhou o Pritzker Prize em 1989, considerado o Prêmio Nobel da arquitetura.

Frank Stella (1936, Estados Unidos) pintor e artista gráfico atuante desde a década de 1950. Fez parte do grupo de artistas ligados ao **minimalismo** norte-americano e à renovação da pintura abstrata no período pós-guerra. Com suas *Black Paintings*, de 1958, tornou-se um dos maiores representantes da nova **abstração**; prosseguiu suas pesquisas no campo pictórico com seus quadros-objetos e pinturas-relevo, criando telas e chassis que fugiam à forma padrão do retângulo, com formas geométricas recortadas e pinturas, em geral planas e monocromáticas, que acompanhavam as formas das telas.

gesto forma de comunicação não verbal em que ações visíveis do corpo comunicam uma mensagem específica, juntamente ao **discurso** verbal (fala) ou sem ele. Inclui movimentos da face, das mãos ou de outras partes do corpo. Um gesto também pode se referir a uma ação simbólica, como o hasteamento de uma bandeira branca denotando paz.

Hélio Oiticica (1937, Rio de Janeiro – 1980, Rio de Janeiro) artista performático, pintor e escultor de crescente importância e interesse no cenário da arte contemporânea nacional e internacional por sua trajetória experimental e inovadora. Iniciou sua produção com pinturas cujas composições geométricas e abstratas destoavam da produção construtivista realizada no mesmo período por artistas paulistas. Foi um dos fundadores e, com Ferreira Gullar, o principal teórico do movimento neoconcreto carioca. Progressivamente, suas formas e composições geométricas, antes elaboradas sobre superfícies bidimensionais, passaram a assumir volumes monocromáticos que se desdobravam no espaço. Com a criação dos *Parangolés* em 1968, vestimentas cromáticas que exigiam que o **espectador** as vestisse para a ativação da obra, seu pensamento artístico passa a pressupor o espectador como centro ativo e cocriador de suas obras. Seus trabalhos posteriores reclamavam cada vez mais uma atitude ativa e não apenas contemplativa do espectador, ao criar espaços labirínticos, porém acessíveis, multissensoriais, que possibilitassem ao observador penetrá-los e criar ele mesmo experiências **estéticas**.

iconografia cristã conjunto de imagens e símbolos que compõem o imaginário relativo ao Cristianismo. Desde seu surgimento até os dias de hoje, símbolos e temas cristãos como a Cruz, a Crucificação e Ressurreição de Cristo, os três reis magos, o sacrifício de Abraão, entre outros, têm estimulado ou servido de mote a inúmeros produtores culturais nas mais diversas áreas da criação.

imagem de terceira geração quando uma imagem é reproduzida, e, posteriormente, a **reprodução** da imagem original é também reproduzida, num mesmo suporte ou em suportes variados, tem-se uma imagem ou objeto de terceira geração.

imitação (ver **cópia** e **simulacro**)

impermanência conceito fundamentalmente relativo à passagem do tempo, análogo a ideias de transitoriedade, mutação e transformação. Também se relaciona diretamente à morte. Muitos filósofos ocidentais, como o grego Heráclito ("não se entra no mesmo rio duas vezes") e o romano Sêneca (no tratado *Sobre a brevidade da vida*) detiveram-se em reflexões sobre a impermanência das coisas. Mas é na filosofia oriental, em particular no pensamento budista, que esse conceito foi mais utilizado e difundido. Pode-se afirmar que a essência de todas as ideias e práticas budistas parte da constatação e compreensão de que tudo na vida está em constante e eterna mutação, uma vez que não há nada que no instante seguinte não tenha sofrido uma alteração, ainda que imperceptível, de seu estado anterior. O pensamento budista norteou a produção de muitos artistas ocidentais no século 20, em especial o músico e artista multidisciplinar **John Cage** em seus experimentos de **composição** musical com o acaso e a aleatoriedade.

instalação o termo "instalação" passou a ser usado na década de 1960 para se referir a trabalhos onde o espaço é utilizado como elemento constitutivo da obra, seja na criação de um ambiente, na construção de algo em um/para um espaço (interno, externo ou numa articulação de ambos) ou ao problematizar esses mesmos espaços; no entanto, desde seus primórdios sua definição é bastante ampla e imprecisa. O artista alemão Kurt Schwitters é considerado precursor na construção de instalações artísticas, quando passou a recolher materiais ordinários e cotidianos nas ruas para a construção sempre em processo e nunca finalizada de uma obra que nomeou *Merzbau*, iniciada na década de 1920, e que se estendia por grande parte do espaço interior de sua própria casa.

institucionalização da arte processo de aceitação e assimilação por instituições culturais (museus, centros culturais) de obras, procedimentos, comportamentos, técnicas ou ideias artísticas, atribuindo, assim, um caráter de legitimidade ou validação e formalizando algo que antes estava na esfera da informalidade ou não possuía um respaldo institucional. Édouard Manet (1832-83, Paris, França) foi um dos primeiros artistas a questionar os critérios de validação de uma obra de arte quando, ao não ser selecionado para um salão oficial, expôs suas pinturas na rua, num espaço montado por ele ao lado do museu onde acontecia o salão; mas foi **Marcel Duchamp**, ao inscrever um mictório assinado por ele (mas comprado pronto numa loja) para participar de uma exposição coletiva em 1917, quem operou a crítica mais incisiva às instituições artísticas, num dos **gestos** mais determinantes para a reavalição, por artistas, instituições e **público**, do que possa ser uma obra de arte.

Jasper Johns (1930, Augusta, Estados Unidos) pintor e artista gráfico tido como pioneiro da **arte pop** americana, mas independente de grupos ou estilos. Em suas primeiras pinturas, ao utilizar a técnica da encáustica (tinta à base de cera), cuja secagem rápida e pouca fluidez impediam grandes pinceladas expressivas, sua pintura causa grande reação à gestualidade carregada do expressionismo abstrato em voga no cenário artístico da época. Johns elegia temas banais ou corriqueiros para a **composição** de suas imagens, como alvos, mapas, números, letras e bandeiras. Realizou muitas pinturas monocromáticas, com interesse particular pelo cinza.

John Cage (1912, Los Angeles, Estados Unidos – 1992, Nova York, Estados Unidos) artista multidisciplinar, foi uma das figuras centrais da vanguarda modernista no pós-guerra. Conhecido por suas composições musicais, experiências sonoras, uso não convencional de instrumentos musicais e ideias relativas a músicas, sons, ruídos, acaso, aleatoriedade e silêncio. Foi um dos pioneiros da música eletrônica, ao utilizar fitas magnéticas e rádios em suas composições. Nutria grande interesse pela filosofia oriental, especialmente pelo zen-budismo e pelo *I-Ching – O livro das mutações*. Uma de suas peças sonoras mais famosas, emblemática e polêmica, intitulada *4´33´´*, é uma **composição** em três movimentos, com duração total de quatro minutos e 33 segundos, em que nenhuma nota é tocada pelo(s) intérprete(s) ao longo da peça. Em outra peça da mesma época, anunciou a apresentação de um concerto no qual durante os trinta primeiros minutos nem um único som foi emitido no palco, e nos trinta minutos seguintes uma gravação dos trinta minutos iniciais, com as vaias e movimentos do **público** inquieto, foi tocada no auditório, convocando tudo e todos a intérpretes sonoros do instante presente, em constante mutação e sempre renovado. Cage diria sobre seu processo de composição que "o mais importante é a ausência de intenção e a aceitação do que acontece".

kitsch objetos decorativos ou peças de arte e design considerados por algumas pessoas como feios, bregas, com falta de estilo ou falsos, mas admirados por outras, na maioria das vezes, por serem divertidos, possuírem valor emocional ou por assumirem valores estéticos dependendo do contexto histórico ou cultural em que estão inseridos.

Leonardo da Vinci (1452, Anchiano, Itália – 1519, Amboise, França) considerado a figura máxima do Renascimento (período posterior à Idade Média e anterior à Era Moderna, aproximadamente entre os séculos 14 e 17), Leonardo da Vinci encarnou como poucos o ideal renascentista do homem como centro do universo e medida de todas as coisas (como em seu desenho *O homem de Vitrúvio*). Dotado de curiosidade e capacidade de invenção praticamente inesgotáveis, destacou-se como cientista, matemático, engenheiro, inventor, anatomista, pintor, escultor, arquiteto, botânico, poeta e músico. Suas pinturas, embora poucas (cerca de trinta), estão entre as de maior expressão do período; entre elas, o mural *A última ceia* e a pintura *La Gioconda* (conhecida como Mona Lisa).

litografia processo de gravação química executado sobre uma matriz de pedra calcária (chamada pedra litográfica) e baseado no fenômeno de repulsão entre gordura e água. Foi uma técnica de impressão muito utilizada no século 19 para a impressão de selos, jornais, textos ou imagens de grande tiragem. Artistas como Goya, Degas, Daumier e Toulouse-Lautrec popularizaram a técnica no meio artístico.

Luiz Zerbini (1959, São Paulo) artista vinculado à Geração 80, que designa um grupo de artistas paulistas e cariocas que, na década de 1980, passam a produzir uma grande quantidade de pinturas. Embora seja mais conhecido por suas telas figurativas com cores fortes, também produz vídeos, instalações, esculturas e fotos. Faz parte do grupo Chelpa Ferro que trabalha com obras sonoras e música experimental.

manipulação originalmente, **gesto** ou ação transformadora sobre algo que já existe em determinada configuração. Também é associada ao controle, direto ou indireto, de um objeto, animal ou pessoa para atuar de acordo com os desejos do agente manipulador. Assim, ela pode se referir tanto à modelagem, manipulação de medicamentos, ferramentas ou informações, como à influência social, coerção ou manipulação mental.

Marcel Duchamp (1887, Blainville-Crevon, França – 1968, Neuilly-sur-Seine, França) desafiou o pensamento convencional sobre processos artísticos e as dinâmicas de comercialização de obras de arte. Inicialmente, próximo aos cubistas, o artista se envolveu com uma investigação sobre a descontextualização dos objetos do cotidiano, como proposta artística – os *ready-mades*. Para o artista, essas operações deviam deslocar a atenção do objeto de arte e enfatizar a atitude ou pensamento do artista. A *Roda de bicicleta* (1913), *Porta-garrafas* (1914) e a *Fonte* (1917) são seus *ready-mades* mais conhecidos. Mesmo tendo abandonado a "produção" desses objetos, a obra de Duchamp segue influenciando experiências artísticas que têm como expressão o desejo de aproximar arte e vida.

Mark Rothko (1903, Daugavpils, Letônia – 1970, Nova York, Estados Unidos) embora rejeitasse os rótulos de pintor ligado ao expressionismo abstrato e mesmo de pintor **abstrato**, suas telas caracterizavam-se por criar campos de cor de grande intensidade luminosa que pareciam projetar-se para fora da tela e tomar o espaço externo à imagem, sentimento este favorecido pelo enorme tamanho dos quadros que sugeriam uma imersão do **espectador** no espaço cromático. Em sua maturidade artística, Rothko usou exclusivamente tons indecisos, às vezes monocromáticos, declaradamente pretendendo expressar o drama espiritual do homem moderno.

Marshall McLuhan (1911, Edmonton, Canadá – 1980, Toronto, Canadá) professor, filósofo e crítico literário, McLuhan foi um dos mais influentes pensadores e teóricos da comunicação. **Autor** da célebre frase "O meio é a mensagem", de 1967, defendeu a hipótese de que os meios e as tecnologias de comunicação são determinantes ao transmitir conteúdos. Dessa maneira, McLuhan realça as tecnologias em detrimento dos conteúdos. Em *A galáxia de Gutenberg* (1962), aponta três grandes períodos ou culturas, que distinguem as formas de pensar o mundo e como o homem se situa: a cultura oral ou acústica, que caracteriza a comunicação de sociedades não alfabetizadas; a tipográfica ou visual (galáxia de Gutenberg), própria das sociedades alfabetizadas e que privilegiaram a escrita e, consequentemente, a leitura; e a cultura eletrônica (aldeia global), espécie de profecia que entende a sociedade pautada pela velocidade quase instantânea de veiculação de informação pelos meios de comunicação.

matéria em física, matéria é qualquer substância física que possui massa, ocupa lugar no espaço e está sujeita à inércia. A matéria é aquilo que existe, que forma as coisas e que pode ser percebida como tal. Na educação formal, matérias são as diferentes disciplinas ministradas em aula (geografia, matemática, química etc.). **Materialidade** é um termo usado correntemente no contexto artístico para enfatizar qualidades táteis, físicas e/ou plásticas de uma determinada obra de arte.

materialização ato ou efeito de materializar, manifestar fisicamente algo antes invisível ou imaterial, conferindo qualidades táteis e presenciais. Dar corpo. Em arte, o processo de criação de uma pintura, por exemplo, parte da ideia inicial (imaterial) à execução da pintura utilizando tinta, tela, pincéis e chassi (materiais). As sociedades capitalistas, ao darem muito valor aos bens materiais, são usualmente qualificadas como "materialistas".

mercado de arte sistema ou circuito organizado de comercialização de obras de arte, composto por galerias de arte e seus funcionários, galeristas, marchands, colecionadores e artistas. Algumas obras de arte são também comercializadas através de leilões. A existência de mercados de arte organizados tem sido fator determinante na produção artística contemporânea, de Van Gogh aos artistas

surgidos a partir da década de 1980, por estarem sujeitos às flutuações dos modismos, à especulação sobre a obra de jovens artistas, a critérios não objetivos de validação artística ou a interesses estritamente comerciais.

Michelangelo (1475, Caprese, Itália –1564, Roma, Itália) contemporâneo de **Leonardo da Vinci**, concorre com este ao título de arquétipo do homem renascentista. Pintor, escultor, arquiteto, poeta e engenheiro, realizou toda sua produção na Florença da família Médici e na Roma Católica, que abrigam obras como a cúpula da Basílica de São Pedro no Vaticano, o teto da Capela Sistina, o mural *Juízo Final*, e esculturas como o imenso *Davi*, a *Pietá* e *Moisés*. Admirado pela enorme capacidade produtiva, sempre de altíssima qualidade, sua obra era vista por seus contemporâneos como o ápice e consumação de toda a produção cultural do período, estabelecendo novos patamares para a produção artística posterior.

mídia qualquer meio, suporte ou veículo de difusão de informações ou conteúdos que constitua simultaneamente um meio de expressão e um intermediário capaz de transmitir uma mensagem a um grupo. Enquanto "mídia" pode se referir tanto a suportes de menor alcance (livro, computador, CD etc.) quanto aos principais veículos de um determinado sistema de comunicação social (televisão, rádio, jornais), "grande mídia" refere-se apenas ao segundo grupo e, desde o início do século 20, tem influenciado a opinião pública em aspectos culturais e comportamentais da sociedade, muitas vezes determinando suas escolhas, sendo por isso apelidada de "quarto poder" (em alusão aos três poderes – Executivo, Legislativo e Judiciário – típicos de um Estado democrático).

minimalismo conceito comum a diversas linguagens artísticas, em particular às artes plásticas, à música e ao design, embora apresente características particulares em cada área. Em geral, refere-se a obras reduzidas aos seus elementos mais essenciais. O minimalismo nas artes plásticas foi um movimento surgido no final da década de 1960 nos Estados Unidos, fundamentado no pensamento do **modernismo** artístico europeu e em sua vontade de simplificação e **abstração** (como nas esculturas de Rodin, **Brancusi** e **Picasso**). Artistas como Dan Flavin, **Frank Stella**, Donald Judd, Robert Morris e Agnes Martin priorizaram formas geométricas elementares, produzidas industrialmente em aço, compensado de madeira ou lâmpadas fluorescentes, e dispostas no espaço expositivo de forma a valorizar no **espectador** a percepção de seu corpo em relação à peça escultórica e ao espaço em que ambos se inserem. Assim, descartavam qualquer ação manual do artista (ver **manipulação**) ou qualquer atributo interno à escultura, tais como tema, **representação**, **composição**, subjetividade ou significado. Procedimentos de repetição e seriação de volumes escultóricos no espaço tornaram-se frequentes entre estes artistas, e frases como "você vê o que você vê" (**Frank Stella**), "uma coisa depois da outra" (Donald Judd) e "[…] visualmente mínimas, mas espacialmente poderosas" (Donald Judd sobre exposição de Robert Morris) ajudam a ilustrar as ideias do grupo. O minimalismo nas artes plásticas é hoje visto como ponte entre os movimentos artísticos do pós-guerra (expressionismo abstrato, **arte pop**) e as práticas artísticas contemporâneas.

modernismo ainda que para muitos historiadores e teóricos o período moderno, ou Modernidade, possa remontar ao Renascimento ou à Revolução Industrial e aludir a transformações culturais que atravessaram as sociedades ocidentais industrializadas, em um sentido estritamente artístico, refere-se à profunda vontade de renovação cultural por criadores ocidentais de variadas linguagens, no período entre o término do século 19 até o fim da primeira metade do século 20, e cujo epicentro foi a Paris da virada dos séculos. O modernismo nas artes plásticas caracteriza-se por diversos movimentos artísticos (tais como o cubismo, futurismo, fauvismo, **surrealismo**, dadaísmo, **construtivismo** etc.), que, em geral, buscavam romper com os padrões vigentes de produção artística, cada qual afirmando novas possibilidades de criação através de obras, manifestos, técnicas e comportamentos. Esses movimentos compartilhavam uma atitude progressista, muitas vezes frontalmente oposta à tradição e revolucionária em diversos âmbitos (social, cultural, comportamental, perceptivo), e eram movidos sob o signo da utopia. (ver também **pós-modernismo**)

negociação processo em que duas ou mais partes, através de um entendimento mútuo, pretendem chegar a um acordo que favoreça todas as partes. O termo também tem sido aplicado pelos teóricos da arte para situações em que o artista ou a sua obra e o **público** estabelecem entre si uma relação, direta ou indireta, de troca, como a negociação do sentido.

neorrealismo italiano movimento cultural de maior expressão no cinema, surgido na Itália após a Segunda Guerra Mundial. Os filmes de Luchino Visconti, Roberto Rossellini, Vittorio de Sica, Michelangelo Antonioni e Pier Paolo Pasolini (os dois últimos em suas primeiras obras) traziam em comum um forte teor social, econômico e político, em geral ambientando suas histórias no próprio local onde elas se passavam (fora, portanto, dos grandes estúdios cinematográficos) com atores amadores oriundos do próprio local elegido, aproximando suas narrativas ficcionais de um documentário sobre as precárias condições de vida das classes trabalhadoras e/ou pobres da Itália do pós-guerra.

performance gênero artístico surgido na década de 1960, cuja origem deriva igualmente das artes visuais e das artes cênicas. Contrariamente ao teatro, que apresenta personagens em uma situação espaço-temporal fictícia, o performer apresenta-se numa duração real de tempo, sem qualquer forma de encenação ou **representação**, com grande ênfase ao contato direto do performer com o **público**. Ganha evidência no final da década de 1960, quase

simultaneamente à **arte conceitual** e ao happening, num contexto de revisão crítica dos preceitos artísticos até então vigentes, buscando romper a divisão entre **categorias artísticas** tradicionais (como dança, teatro, artes visuais e música), valorizando o corpo como suporte de toda a experiência e buscando fundir a arte com a vida. Hoje, a performance artística é uma modalidade interdisciplinar que pode combinar diversas linguagens, como vídeo, teatro e poesia. Por seu caráter **efêmero** e presencial, sobrevive através de registros, em fotografia, vídeo ou memoriais descritivos.

perspectiva sistema de **representação** do espaço elaborado por pintores renascentistas e utilizado na **composição** de imagens por artistas ocidentais até fins do século 19, visando sugerir uma espacialidade tridimensional sobre uma superfície bidimensional, em geral orientada por um ou mais pontos de fuga. As imagens criadas sobre uma trama perspectiva permitiam ao **espectador** penetrar com o olhar um suposto espaço em profundidade, como se os quadros se tratassem de janelas abertas. Até a passagem do século 19 para o 20, a perspectiva era entendida como o modelo mais fiel de representação da percepção visual do espaço pelo olho humano, mas essa visão foi desacreditada por cientistas, artistas e teóricos ao longo do século 20.

Picasso (1881, Málaga, Espanha, – 1973, Mougins, França) grande artista da subversão das formas, a capacidade produtiva de Pablo Picasso é comparável apenas à de **Michelangelo**, tendo criado desde sua infância até seus últimos dias uma quantidade impressionante de pinturas, desenhos, gravuras, peças em cerâmica e esculturas. Nascido na Espanha, mas tendo vivido a maior parte de sua vida na França, Picasso revolucionou a si mesmo diversas vezes ao longo de sua trajetória artística, das fases azul e rosa de sua pintura inicial, à cofundação com o pintor Georges Braque do cubismo (que redefiniria as bases da pintura ocidental), às pioneiras experimentações com **colagem** de materiais sobre o plano pictórico, passando pelos experimentos com o **surrealismo** e pela reavaliação de sua trajetória artística e da história da arte em sua fase clássica. É reconhecido como um dos artistas mais versáteis da arte ocidental e talvez o mais emblemático da chamada arte moderna.

plasticidade propriedade dos corpos que sofrem alteração de sua forma. A palavra pode se referir às propriedades físicas do plástico, material notável pela variedade de formas que pode assumir. Pode também remeter a características físicas/materiais/plásticas de algo (como textura, densidade, peso, forma, cor) ou à sugestão dessas características através de sons, uma descrição textual ou oral.

plástico (a partir de "características plásticas") em química e tecnologia, o plástico é um material orgânico polimérico sintético, dotado de grande maleabilidade (que apresenta a propriedade de adaptar-se em distintas formas), facilmente transformável mediante o emprego de calor e pressão, e que serve de matéria-prima para a fabricação dos mais variados objetos. No contexto das artes plásticas, as características plásticas de um material se referem a propriedades como peso, densidade, volume, textura, cor, tamanho, espessura, brilho, opacidade etc.

poética o conjunto de ideias, conceitos, técnicas, procedimentos, materiais, sensações que formam, permeiam e definem o conjunto da obra de um artista. A poética se diferencia do estilo, pois um mesmo artista pode utilizar recursos completamente diferentes, mas que dialogam com o todo de sua produção. Poética também é o nome dado à disciplina teórica que estuda as obras literárias e suas características.

pós-modernismo seja entendido como extensão do **modernismo**, como reação a ele ou como consequência do esgotamento dos pressupostos modernistas (que alguns teóricos datam a partir do pós-guerra, outros da década de 1960 e um terceiro grupo a partir da queda do muro de Berlim), o termo pós-modernismo vem sendo utilizado amplamente e de forma bastante generalizada, para designar tanto esse período da história contemporânea como toda a produção cultural baseada na ausência de um centro, no fim das dualidades (como homem/mulher, preto/branco, colônia/império, falso/verdadeiro), entendendo a realidade como plural e relativa, onde todas as questões devem ser analisadas caso a caso, como frutos de interesses específicos e pontuais. A profunda revisão operada sobre os preceitos modernos caracteriza o período pós-moderno como uma era em que todas as antigas verdades ou crenças perpetradas no mundo ocidental, pelo iluminismo e pelo surgimento de uma mentalidade científico-racionalista, são hoje entendidas como construções culturais passíveis de serem desconstruídas; se a arte moderna notabilizou-se por inúmeros movimentos estéticos em que cada grupo apresentava um manifesto pregando supostas verdades, atualmente a falta de referenciais objetivos para a atribuição de valor a um objeto artístico torna a produção contemporânea uma constelação multifacetada e de difícil valoração, e cada proposta artística pode inaugurar e encerrar em si mesma uma ideia de arte, não raro dentro do próprio conjunto da obra de um mesmo artista.

público (substantivo) conjunto de **espectadores** em um evento ou espetáculo (exposição de arte, exibição de filme, concerto musical, apresentação de circo, evento esportivo etc.). Esse público pode ser o grupo de pessoas/espectadores presentes em um evento em andamento, ou previstos e imaginados pelos idealizadores de um evento ainda a ocorrer. Historicamente o "público" assumiu um papel de receptor passivo em sua relação com uma obra e seus produtores, entretanto, na atualidade, tem recebido e/ou assumido um papel de protagonista em muitas produções artísticas e culturais.

Rafael Sanzio (1483, Urbino, Itália – 1520, Roma, Itália) um dos grandes mestres da pintura renascentista italiana, juntamente com **Leonardo da Vinci** e **Michelangelo**,

foi fortemente influenciado por ambos em seus anos de formação, mas distingue-se deles por obras com qualidades líricas, delicadas, até mesmo singelas (apesar da grandiosidade e envergadura de trabalhos como *A escola de Atenas*, de 1509). Em 1509, mudou-se para Roma a serviço do papa Júlio II, onde produziu a maior parte de suas pinturas, afrescos, esculturas e projetos arquitetônicos. Morreu precocemente em Roma, no dia em que completava 37 anos.

recurso artístico qualquer meio ou procedimento que os artistas utilizam para a realização de obras. A imitação, a **apropriação** ou figuras de linguagem como a metáfora ou a alegoria podem ser considerados recursos artísticos.

Regina Silveira (1939, Porto Alegre) pintora, desenhista e gravadora, a artista demonstrava, no início de sua carreira, grande interesse por uma imagem figurativa com ares expressionistas. A partir da década de 1970, ao entrar em contato com a **arte conceitual**, concentrou-se em processos gráficos de **reprodução** da imagem, utilizando, além da serigrafia, fotocópias e microfilmes, atuando entre o lúdico e mensagens de grande teor crítico. Na década de 1980, com a **série** Anamorfas, Regina Silveira abre um amplo horizonte em sua carreira e passa a distorcer objetos através de **perspectivas** ilusionistas, reconstruindo sombras, vestígios e rastros, ocupando os espaços de museus e galerias. Para o crítico de arte Walter Zanini, a fecunda produção de Regina Silveira se apresenta como uma "geometria do absurdo".

René Magritte (1898, Lessines, Bélgica – 1967, Bruxelas, Bélgica) pintor belga ligado ao **surrealismo**. Criava paradoxos visuais através da **representação** realista de situações insólitas, improváveis ou impossíveis, como na representação de uma paisagem onde no céu é dia e no chão é noite. Em suas pinturas, preferia afirmar a dúvida às certezas. Uma de suas imagens mais célebres traz a representação de um cachimbo e o escrito: "Isto não é um cachimbo".

repertório conjunto de conhecimentos, informações ou experiências acumuladas por um indivíduo ou grupo, podendo também o termo se referir ao nível de instrução cultural ou de conhecimento de alguém. Para uma orquestra ou banda musical, o repertório é a lista de músicas que serão ou costumam ser executadas numa apresentação. Obras de arte podem exigir um repertório de conhecimentos específicos do **espectador** (como ao fazer referência a um artista ou movimento artístico) ou não solicitar nada além de seu repertório individual.

representação contrariamente à apresentação de algo, quando o que se quer mostrar está presente, toda representação está "no lugar" de seu referencial ausente. Assim, a representação de um cachimbo em um desenho não é o cachimbo em si; um ator teatral representa um papel, um performer apresenta-se ao **público**. A representação da natureza foi o grande pilar da arte ocidental desde a antiguidade clássica até o advento da fotografia e das técnicas de **reprodução** mecânica da realidade em meados do século 19.

reprodução **cópia**, imitação ou repetição, única ou em uma **série**. Tornou-se um conceito fundamental para a compreensão dos sistemas de produção econômica, industriais e culturais na modernidade. O teórico Walter Benjamin, ao referir-se à invenção da fotografia em seu ensaio *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica* (1936), diz que a possibilidade da reprodução em série criou uma nova relação do **espectador** com uma obra, pois não mais se distingue o original de uma cópia tecnicamente idêntica, tornando insignificantes ou irrelevantes noções de autenticidade ou aura relativas a um objeto único.

retículas técnica gráfica que consiste em imprimir, por decalque, texturas diversas sobre papel ou outro suporte. Foi e ainda é muito utilizada na criação de histórias em quadrinhos, em imagens gráficas e no design (antes do surgimento das técnicas digitais); artistas da **arte pop** utilizaram as retículas na **composição** de suas imagens (como, notoriamente, Roy Lichtenstein).

Runa Islam (1970, Dhaka, Bangladesh) sua produção se situa principalmente em experimentações sobre práticas cinematográficas, explorando a visualidade de equipamentos obsoletos, como câmeras de 8 e 16 mm, para produzir uma linguagem com efeitos visuais nostálgicos. A artista constrói narrativas lentas, atmosferas nas quais os acontecimentos são muito sutis e quase despercebidos, onde o tempo parece passar desaceleradamente, para que nos atentemos aos detalhes e nuances dos objetos e das sensações que ele pode nos passar.

série sequência ou sucessão ordenada de eventos, ações ou coisas semelhantes que formam um conjunto. Uma produção industrial dá origem a uma série de objetos ou bens idênticos. Já uma série fotográfica, televisiva, de livros, de esculturas etc. pode ser formada por um conjunto onde há um tema, ideia, procedimento ou característica comum a todos os elementos da série.

simulacro as práticas de simulação não são processos próprios apenas da atualidade. O teatro grego e os heterônimos de alguns poetas já relatam intenções de forjar impressões da realidade. Os filósofos e sociólogos Jean Baudrillard e Guy Debord viram que essas práticas tornaram-se preponderantes na pós-modernidade, apontando uma preferência da imagem à coisa real, da **cópia** ao original, da **representação** à realidade, da aparência ao ser. Para eles, o mundo se assemelha a um grande espetáculo, onde as relações sociais são mediadas por imagens, ilusões e simulações de consciências acerca da cultura. Dessa maneira, vivemos uma representação, onde a **mídia** é um dos veículos de efetivação do simulacro.

surrealismo impulsionados pelas teorias de Sigmund Freud, em particular as expressas em seu livro *Interpretação dos sonhos* (1899), artistas e literatos reunidos em Paris na década de 1920 passaram a dar grande importância ao mundo onírico, à irracionalidade e ao inconsciente. O caráter antirracionalista do surrealismo coloca-o em posição diametralmente oposta às tendências construtivas e formalistas na arte que florescem na Europa após a Primeira Guerra Mundial, reunindo artistas de feições muito variadas, e que usavam diferentes modalidades artísticas (como escultura, literatura, pintura, fotografia, artes gráficas e cinema) e canais de expressão (revistas, manifestos, exposições e outros) para a contestação radical de valores que empreendiam. Contra a repressão dos instintos ou dos condicionamentos mentais, pretendiam tornar o delírio um mecanismo produtivo, criador; assim, admiravam a arte feita pelos loucos e pelas crianças (supostamente isentos de fatores culturais ou racionalidade), e criaram inúmeros jogos e estratégias para burlar sua própria mente, dando maior ênfase aos processos criativos que ao produto final. Entre os pintores e criadores de imagens, como Salvador Dalí, Max Ernst, Man Ray, Miró e outros, técnicas como a **colagem** e a **assemblage** foram largamente utilizadas, ancoradas na possibilidade da justaposição de sentidos desconexos, nas ideias de acaso e de escolha aleatória.

Tintoretto (1518, Veneza, Itália – 1594, Veneza) pintor italiano considerado precursor do período **barroco**, pela forte carga emotiva e gestual de suas pinturas. Utilizava cores fortes, contrastes intensos entre luzes e sombras, ângulos acentuados e figuras humanas em poses contorcidas, aumentando assim a dramaticidade das imagens criadas. Sua **representação** da *Última ceia*, onde tudo é movimento e drama, é estilisticamente oposta à de **Leonardo da Vinci**, que a pintou serena, geométrica e harmônica.

Yves Klein (1928, Nice, França – 1962, Paris, França) artista do pós-guerra conhecido principalmente por suas pinturas monocromáticas que utilizavam sempre o mesmo tom de azul, conhecido hoje como “azul Klein” e patenteado pelo artista. Foi um dos precursores da **performance** e do happening ao realizar, por exemplo, uma festa de abertura em uma exposição vazia. Uma de suas fotografias mais conhecidas, *Salto no vazio*, simula o próprio artista pulando de uma casa em direção ao chão.

CRÉDITOS

ASTRUP FEARNLEY MUSEUM OF MODERN ART

Diretor e curador
Gunnar B. Kvaran

Conservadores
Grete Årbu
Hanne Beate Ueland

Secretário de administração
Ingvild Hersvik

Arquivista
Therese Möllenhoff

Webmaster e assessoria de imprensa
Gard Andreas Frantzsen

Produção e gerenciamento da loja
Veronique Svarstad

Técnicos de instalação
Audun Erikstad
Roger Høyer
Kai Mikalsen

BIENAL DE SÃO PAULO

Fundador
Francisco Matarazzo Sobrinho (1898-1977) *presidente perpétuo*

Conselho de Honra
Oscar P. Landmann † *presidente*

Membros do Conselho de Honra composto de ex-presidentes
Alex Periscinoto
Carlos Bratke
Celso Neves †
Edemar Cid Ferreira
Jorge Eduardo Stockler
Jorge Wilheim
Julio Landmann
Luiz Diederichsen Villares
Luiz Fernando Rodrigues Alves †
Maria Rodrigues Alves †
Manoel Francisco Pires da Costa
Oscar P. Landmann †
Roberto Muylaert

Conselho de administração
Elizabeth Machado · *presidente*
Alfredo Egydio Setubal · *vice-presidente*

Membros vitalícios
Adolpho Leirner
Alex Periscinoto
Benedito José Soares de Mello Pati
Ernst Guenther Lipkau
Giannandrea Matarazzo
Gilberto Chateaubriand
Hélène Matarazzo
Jorge Wilheim
Julio Landmann
Manoel Ferraz Whitaker Salles
Miguel Alves Pereira
Pedro Franco Piva
Roberto Duailibi
Roberto Pinto de Souza
Rubens José Mattos Cunha Lima

Membros
Alberto Emmanuel Whitaker
Alfredo Egydio Setubal
Aluizio Rebello de Araujo
Álvaro Augusto Vidigal
Antonio Bias Bueno Guillon
Antonio Bonchristiano
Antonio Henrique Cunha Bueno
Beatriz Pimenta Camargo
Beno Suchodolski
Cacilda Teixeira da Costa
Carlos Alberto Frederico
Carlos Bratke
Carlos Francisco Bandeira Lins
Carlos Jereissati Filho

Cesar Giobbi
Claudio Thomas Lobo Sonder
Decio Tozzi
Elizabeth Machado
Emanoel Alves de Araújo
Evelyn Ioschpe
Fábio Magalhães
Fernando Greiber
Fersen Lamas Lembranho
Gian Carlo Gasperini
Gustavo Halbreich
Jackson Schneider
Jean-Marc Robert Nogueira Baptista Etlin
Jens Olesen
Jorge Gerdau Johannpeter
José Olympio da Veiga Pereira
Marcelo Mattos Araújo
Marcos Arbaitman
Maria Ignez Corrêa da Costa Barbosa
Marisa Moreira Salles
Nizan Guanaes
Paulo Sérgio Coutinho Galvão
Pedro Aranha Corrêa do Lago
Pedro Paulo de Sena Madureira
Roberto Muylaert
Rubens Murillo Marques
Susana Leirner Steinbruch
Tito Enrique da Silva Neto

Conselho fiscal
Manoel Ferraz Whitaker Salles
Carlos Francisco Bandeira Lins
Tito Enrique da Silva Neto

Suplentes
Pedro Aranha Corrêa do Lago
Carlos Alberto Frederico
Gustavo Halbreich

Diretoria executiva
Heitor Martins · *presidente*
Eduardo Vassimon · *1º vice-presidente*
Justo Werlang · *2º vice-presidente*

Diretores
Jorge Fergie
Luis Terepins
Miguel Chaia
Salo Kibrit

Diretores representantes
Antonio de Aguiar Patriota · *Ministro das Relações Exteriores*
Ana de Hollanda · *Ministra da Cultura*
Andrea Matarazzo · *Secretário de Estado da Cultura*
Carlos Augusto Calil · *Secretário Municipal de Cultura*

Diretor superintendente
Rodolfo Walder Viana

EM NOME DOS ARTISTAS – ARTE CONTEMPORÂNEA NORTE-AMERICANA NA COLEÇÃO ASTRUP FEARNLEY

Arquivo Histórico Wanda Svevo
Adriana Villela · *coordenadora*
Ana Paula Andrade Marques · *assistente de pesquisa*
Fernanda Curi · *pesquisadora*
Giselle Rocha · *técnica em conservação*
José Leite de A. Silva (Seu Dedé) · *auxiliar administrativo*

Cenotécnico
Metro Cenografia | Quindó de Oliveira

Comunicação
André Stolarski · *coordenador geral*
Felipe Taboada · *coordenador de comunicação*
Júlia Frate Bolliger · *analista de comunicação*
Ana Elisa de Carvalho Silva · *coordenadora de design*
Felipe Kaizer · *designer gráfico*
Roman Iar Atamanczuk · *assistente de design*
Eduardo Lirani · *produtor gráfico*
André Noboru · *estagiário de design*
Douglas Higa · *estagiário de design*
Cristina Fino · *coordenadora editorial*
Diana Dobránszky · *editora*
Alícia Toffani · *assistente editorial*
Victor Bergmann · *coordenador de internet e novas tecnologias*
Anderson de Andrade · *analista de TI*
Jefferson Pedro · *assistente de TI*
Cibele Tayna Jeronimo · *estagiária*

Gerência de recursos humanos e manutenção
Mário Rodrigues · *gerente*
Geovani Benites
Rodrigo Martins
Valdemiro Rodrigues da Silva
Vinícius Robson da Silva Araújo
Wagner Pereira de Andrade

Gerência financeira
Kátia Marli Silveira Marante · *gerente*
Amarildo Firmino Gomes
Felipe Araújo Machado
Lisânia Praxedes dos Santos
Thatiane Pinheiro Ribeiro

Gerência de secretaria geral
Maria Rita Marinho · *gerente*
Angélica de Oliveira Divino
M. da Glória do E.S. de Araújo
Josefa Gomes

Educativo Bienal
Stela Barbieri · *curadora educacional*
Carolina Melo · *assistente de curadoria*
Daniela Gutfreund · *assistente de curadoria*
Guga Queiroga · *secretária*
Laura Barboza · *supervisora geral*
Carlos Barmak · *coordenador de ensino*
Marisa Szpigel · *supervisora da educação a distância*
Josca Baroukh · *coordenadora da educação a distância*
Pablo Talavera · *coordenador da formação dos educadores*
Elaine Fontana · *coordenadora da formação dos educadores*
Helena Kavaliunas · *coordenadora de relações externas*
Cássia Vergínia · *supervisora de relações externas*
Ana Lua Contatore · *assistente de relações externas*
Maíra Martinez · *assistente de relações externas*
Denise Adams · *fotógrafa e palestrante*
Fernando Pião · *assistente fotográfico*
Beatriz Cortês · *coordenadora de documentação e avaliação*
Galciani Neves · *produtora de conteúdo e palestrante*
Matheus Leston · *produtor de conteúdo e palestrante*
Tiago Lisboa · *produtor de conteúdo e palestrante*
Guilherme Teixeira · *palestrante*
Simone Castro · *comunicação*
Valéria Prates · *coordenadora de produção*
Marcelo Tamassia · *produtor*
Natália Tonda · *produtora*
Dayves Augusto Vegini · *assistente de produção*
Danilo Guimarães Santos · *estagiário*
Rosa Maia Antunes · *coordenadora dos voluntários*
Andréa Guedes Garrido · *voluntária*
Ary Potyguara · *voluntário*
Felipe Tenório · *voluntário*
Rodolfo Pitarello · *voluntário*
Vera Cerqueira · *voluntária*

Supervisores de educadores
Branca Helena Mantoan Pimentel
Carlos Alberto Negrini
Carolina Suarez Copa Velasquez Y Castro
Cristiane Barros Muniz
Maralice Camillo
Mayra Oi Saito
Otávio Zani Teixeira
Paula Yurie Torelli Hijo
Tatiane Alves Arantes

Educadores
Ana Claudia de Silveira Takenaka
Ana de Carvalho Dias de Andrade
Ana Paula Monteiro de Sousa
Ana Paula Robira Morgado
Ana Regina Correia Neves
André Barbosa Arantes
André Soares da Silva
Andreia Cristina Campinho
Bárbara Sabrina Calixto dos Santos
Beatriz Nascimento Bonifacio
Bruna Bertoldo
Bruna Piovani
Caio Reina Lotufo
Carla Delgado Meireles
Carolina Aparecida Vargas Hanke
Carolina de Angelis Mologni
Carolina Oliveira Ressurreição
Carolina Rocha Pradella
Carolina Tami Umezawa

Caroline Hellen Martins Dias
Cinthia Guimarães Ramos
Claudia Roberta Dos Santos Pinto
Cleber Ferreira de Oliveira
Daniele Elene Corte Cardoso
Darlan Gonçalves Teles
Débora Rosa da Silva
Deborah Santiago Guimarães
Dina Ioanna F. L. Pappou
Érica da Costa Santos
Eva Vilma de Jesus
Felicia Cappoccia Pilli
Felipe Augusto Bracco de Aguilar
Felipe Teixeira Rocio
Fernando Augusto Fileno
Filipe Lima Pinheiro
Filipe Monguilhott Falcone
Francisco Ferreira Menezes
Gabriel Lima Garcia
Gabrielle Ferreira de Souza Patino Cáceres
Gabriela Levy Dinkhuysen
Graziela Rosendo da Silva
Guilherme Pacheco Alves de Souza
Gustavo Almeida Amat
Helena da Silva Souza
Isaura de Oliveira Ogawa
Jeferson Braga Pereira
Jessyca Adriana Gatto Nery Silva
Julia Augusto Pereira Lima
Juliana Marachlian Nersessian
Laura da Silva Monteiro Chagas
Leonardo Matsuhei Araki Normande
Luara Alves de Carvalho
Lucas Lopes Queiroz
Lucas Ribeiro da Costa Souza dos Santos
Luciara Santos Ribeiro
Luisa Caetano Escobar da Silva
Marcella Klimuk Ychiyama
Marcello Alfaro Martin Avelasco
Marco Antonio Biglia Junior
Maria Augusta Bortolasi De Souza Aranha
Maria Filippa C. Jorge
Maria Lívia Nobre Góes
Mariana Ferreira Ambrosio
Mariana Schmidt de Oliveira Iacomo
Marília Alves de Carvalho
Marina Laraia Alegre
Marina Ribeiro Arruda
Martin Prado Sander Smit
Matias Barboza Pinto
Mayara Medeiros Miussi
Maysa Martins
Nayara Datovo Prado
Omotayo Itunnu Yussuf
Osvaldo Sant'Anna Junior
Paloma de Almeida Durante
Paola Ribeiro da Silva
Paula Carolina Rodrigues de Carvalho
Paula Franco
Paula Isabela Gonçalves de Araujo Mendes
Paulo Victor F. de B. M. Delgado
Pedro Gabriel Amaral Costa
Pedro Henrique Ferreira Costa
Pedro Henrique Moreira
Rafael Frattini Coimbra Longhi
Rafaela Priolli de Oliveira
Rebeca Chiarini Alcântara
Renan Hernandes Silvério
Renato Akio da Cruz Yamaguchi
Renato Nonato Ogasawara
Ricardo Rodrigues Serafim
Roberta Borges de Oliveira
Rodrigo Pereira Fernandes
Rômulo dos Santos Paulino
Stella Abreu Miranda De Souza
Tâmara Oliveira Santos
Tamara Takaoka de Oliveira
Thiago Bueno Ferraz
Thiago de Almeida Prado
Thisby Alarcon Khury
Tiago da Paixão Nunes
Tiago Salles Rizzo
Vanessa Rigo
Vanusa de Alcântara Souza
Victor Leite de Oliveira
Victor Tasso Garcia Vieira Albertini
Viviane Cristina da Silva
Yule Liberati Barbosa

Marketing e captação de recursos
Marta Delpoio · *coordenadora*
Bruna Azevedo · *assistente*
Gláucia Ribeiro · *assistente*
Raquel Silva · *assistente administrativa*

Montagem de obras
Install Produção Cultural e Montagem

Projetos e produção
Emilio Kalil · *consultor de projetos*
Dora Silveira Corrêa · *coordenadora geral*
Felipe Isola · *produtor*
Fernanda Engler · *produtora*
Joaquim Millan · *produtor*
Marina Scaramuzza · *produtora*
Mônica Shiroma de Carvalho · *produtora*
Viviane Teixeira · *assistente*
Waleria Dias · *produtora*

Projeto expográfico
Felipe Tassara & Daniela Thomas
Camila Schmidt · *arquiteta coordenadora*
Iara Ito
Tania Menecucci
Stella Tennembaum

Projeto luminotécnico
Samuel Betts

Suporte técnico para website
Richard Vannucci

Relações institucionais e projetos especiais
Flávia Abbud · *coordenadora*

Tecnologia e inovação
Marcos Machuca · *assessor especial*

PUBLICAÇÃO

Concepção
Stela Barbieri
Galciani Neves

Supervisão geral
Stela Barbieri

Coordenação geral
Daniela Gutfreund

Textos
Galciani Neves
Matheus Leston

Glossário
Affonso Prado

Supervisão de textos
Marisa Szpigel
Carlos Barmak
Guilherme Teixeira

Preparação
Alícia Toffani

Revisão
Regina Stocklen

Coordenação editorial
Cristina Fino

Produção editorial
Diana Dobránszky

Assistente editorial
Alícia Toffani

Coordenação de design
André Stolarski

Direção de design
Felipe Kaizer

Design gráfico
Aninha de Carvalho
Felipe Kaizer
Roman Atamanczuk

Assistência de design
André Noboru
Douglas Higa

Produção gráfica
Eduardo Lirani
Signorini Produção Gráfica

Pré-impressão e impressão
Pancrom

© Copyright Fundação Bienal de São Paulo.

Em nome dos artistas – Arte contemporânea norte-americana na Coleção Astrup Fearnley, com curadoria de Gunnar B. Kvaran, é organizada em colaboração com o Astrup Fearnley Museum of Modern Art, Oslo, Noruega.

Todas as imagens reproduzidas nesta publicação foram cedidas pelo Astrup Fearnley Museum of Modern Art (exceto quando mencionado) · são protegidas por leis de direitos autorais e não podem ser reproduzidas sem a expressa autorização dos artistas e fotógrafos.

www.bienal.org.br